

Entre a vida e a morte

[Between life and death]

Adriana Crespo*

ALBUQUERQUE, João (2022). *O Estéril Amor Fecundo de Fernando Pessoa (Poesia & Desejo no Livro do Desassossego)*. Prefácio de Silvina Rodrigues Lopes. Fafe: Editora Labirinto. 135 pp. [ISBN: 978-989-53717-9-2].



O oxímoro de tom provocatório e contorno barroco que compõe este título, *O Estéril Amor Fecundo de Fernando Pessoa*, e com que João Albuquerque nos convida a entrar no seu pensamento sobre o *Livro do Desassossego*, imediatamente nos desafia a imaginar e a questionar que conceito ou que imagem, leitura e visão do amor o autor nos proporá, partindo do amplo labirinto de fragmentos do semi-heterónimo Bernardo Soares.

Ressalvando que do amor não se fará uma definição, mas uma problematização (porque o amor, em última análise, como potência de vida, é “intratável”), Silvina Rodrigues Lopes observa no seu prefácio que “João Albuquerque se afastou da paráfrase repetitiva, construindo o seu estudo [...] como uma experiência

que joga com conceitos, teorias e outras invenções suscetíveis de compor uma trama produtiva” (p. 5).

Contudo, um difícil aforismo de Kafka, colocado à entrada do livro como um pórtico, um aviso ou uma espécie de enigma, orienta o pensamento para um conceito mais vasto e expandido, problemático. Lê-se: “Quem renuncia ao mundo tem de amar todos os homens, pois renuncia também ao seu mundo. Começa assim a pressentir a verdadeira essência humana que não pode ser senão amada, com a condição de lhe ser igual” (p. 9). Uma articulação entre compaixão, renúncia e ascese ou castidade abre para o pressentimento do que possa ser a essência humana e, nesse vislumbre, para o início de uma qualquer espécie de (auto)conhecimento (com tudo o que de inadequado tem esta expressão), porventura uma experimentação entre corpo e consciência, ou, para além da consciência, entre a vida e a morte, uma espécie de iniciação.

Nada parece fácil nem linear neste conceito de compreensão problemática que Albuquerque começa por contrapor a uma ideia da “impossibilidade de amar”

* Investigadora independente.

(na sua crítica a uma leitura de Eduardo Lourenço), como “um amor em devir, arreigado a uma não-identidade imanente” (p. 12), experiência viva de uma escrita em que corpo e alma estão intimamente ligados e não separados. Esta problematização é desenvolvida, segundo o autor, em três grandes linhas. A primeira diz respeito à própria conceptualização de Bernardo Soares. A segunda refere-se à articulação entre as reflexões sobre o amor e as teorias de arte e literárias. A terceira insere-se no âmbito da ética, pois diz respeito não só à exemplaridade, como à importância e às funções que o amor cumpre, quer na vida em geral, quer na de Bernardo Soares em particular. A conceptualização de Bernardo Soares oscila, como observa Albuquerque, entre o amor como sensação imediata e o amor como conceito, que, por sua vez, torna a produzir novas sensações e estas novos conceitos:

Soares afirma-se como artista, mas as sensações não são, por isso, a única matéria da sua escrita. Ele é um artista-filósofo ou um literato animado pela filosofia, um ser híbrido, um futor de arte abstracta, e isso faz com que as sensações tanto possam ser referidas na sua imediatez (não obstante servirem assim para serem repudiadas), como se conceptualizem para dar origem a novas sensações que nascem do conceito de tal sensação. Foi esse um grande duplo problema que experimentei com o amor: o saber o quando ele era conceito ou sensação, e a dificuldade de estabelecer as ligações entre as sensações imediatas de amor com o seu conceito, definir este conceito, e perceber que novas sensações se originam a partir dele. (p. 14)

Albuquerque diz-nos de um modo desempoeirado que “a ideia de escrever este livro germinou de uma leitura despreocupada do *Livro do Desassossego*, sem um propósito que não fosse o fruir da obra” (p. 11). Daí se formaram, no contexto da investigação de um mestrado, os três textos que acabaram por dar origem a este livro, como se explica na nota final: dois artigos publicados na revista *Pessoa Plural* entre 2013 e 2016 e um capítulo de livro, “O descentramento da prosa do *Livro do Desassossego*”. Daqui resulta a organização do livro em três capítulos, precedidos de uma introdução. O primeiro capítulo desenvolve uma reflexão sobre o descentramento pessoano. O segundo capítulo tem o título do livro – “O estéril amor fecundo de Fernando Pessoa” – e divide-se em duas partes: a) *Bernardo Soares – um corpo-sem-órgãos*, e b) *Glorificação de uma estéril fecundidade*. O terceiro capítulo, que se intitula: “O distante amor ao próximo de Bernardo Soares”, divide-se também em duas partes – a) *O(s) objecto(s) amoroso(s) de Bernardo Soares* e b) *A comunicação amorosa*.

A reflexão sobre o “descentramento” é apresentada não só como introdução ou estudo formal dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, mas também como enquadramento conceptual do que será uma escrita não-identitária ou sem sujeito, que parte de um “centro abstracto”, permanentemente descentrado. A apresentação do conceito, que o autor explora a partir de trechos do próprio Bernardo Soares, de Kafka e do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, é, no entanto, prejudicada por uma caracterização demasiado rápida, como se à partida existisse entre o texto e o

leitor um entendimento supostamente comum. Como tantas vezes sublinha o próprio Deleuze, a grande dificuldade de toda a linguagem filosófica é que realmente esta se assemelha a uma língua estrangeira, falando no interior de uma língua aparentemente comum ou conhecida, contudo, plangendo por fina explicação e detalhada tradução.

Não é aqui o espaço para uma discussão que nos poderia levar muito longe, tendo em conta as próprias palavras de Pessoa sobre quem seja Bernardo Soares, quando fala deste semi-heterónimo como o mais próximo de si mesmo, num estado de sonho, com algumas das faculdades vigilantes em modo de adormecimento. O próprio Deleuze, com os seus conceitos de singularidade, *ecceidade* e a sua longa discussão sobre as essências espinosistas, mereceria uma leitura problemática e mais fina no que diz respeito à denúncia da identidade enquanto formação estratificada, mortal. No entanto, o que é interessante nesta leitura de Albuquerque é que, partindo deste enquadramento conceptual e da observação em *close reading* de elementos que são virtuosamente analisados um a um – heterogeneidade, conectividade, contraste, musicalidade e movimento – é feita uma articulação ou passagem para o conceito de corpo-sem-órgãos, criado por Artaud e desenvolvido por Deleuze e Guattari. Desse modo, articulando a criação artística, neste caso literária, com a necessidade de ascese e com o conceito de corpo-sem-órgãos, Albuquerque propõe a escrita de Bernardo Soares como um plano de imanência onde podem circular intensidades máximas e livres do desejo, no sentido espinosista e deleuziano:

Conectando-se repulsivamente à máquina desejante binária-linear amante-amado(a) que produz positivamente, “que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, e transcendências organizadas para lhe extrair um trabalho útil” (Deleuze / Guattari, 2007: 210) (o de procriar), o Corpo-sem-órgãos amante de Soares engendra a auto-destruição dessa máquina através de cirúrgicos movimentos de desterritorialização, da minuciosa construção de seres de fuga. O próprio Bernardo Soares é um ser de fuga do sujeito Fernando Pessoa, pelo que os seres de fuga que naquele se geraram são já movimentos do infinito, perpétuo nomadismo, desterritorializações de uma territorialidade já de si desterritorializada, seres impessoais, anorgânicos, indiscerníveis: *ecceidades* ou figuras de linguagem que materializam um amor em devir, sem identidade.

(p. 38)

Ainda que o conceito não tenha nada de fácil ao nível da sua compreensão imediata e corra o risco de ser sistematicamente mal interpretado por quem dele nunca teve alguma espécie de experiência viva, desde a sua invenção em Artaud, na sua apresentação ácida, violenta, vibrante e contundente, é um facto que o conceito de corpo-sem-órgãos tem inspirado numerosas leituras críticas e visões do que possa ser um objeto artístico, já não como objeto, mas como corpo vivo. Do corpo-sem-órgãos, que Deleuze equipara com o Plano de Imanência (falando inclusivamente do corpo-sem-órgãos do amor cortês ou do corpo-sem-órgãos falhado de um drogado e de um alcoólico), deve, contudo, dizer-se que é também uma experiência viva

e simultaneamente abstrata, parcialmente dentro e fora da consciência, em que corpo, pensamento e sensação se imbricam na experimentação de uma tal velocidade e ligação que é preciso dizer que o “átomo vai tão rápido quanto o pensamento” (cf. Gilles Deleuze, *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010, p. 54).

Conceptualizando com o contributo do corpo-sem-órgãos a formação do conceito de amor em Bernardo Soares, Albuquerque constrói a sua análise a partir de dois ângulos expressivos: a des-posseção e a não-identidade.

Se, por comportar a posse e a identidade, o amor cúpido e sexual merece o repúdio do guarda-livros lisboeta, sendo aqueles os bloqueios do seu Corpo- -sem-órgãos, então agora torna-se necessário demonstrar como é possível a Soares amar devindo e sem possuir. Como complemento à ligação de necessidade entre a esterilidade (enquanto forma de castidade) e a fecundidade (artística) acima analisada, proponho, neste quarto capítulo, a explicitação do conceito de amor no campo dos modos como se manifesta em Bernardo Soares na relação com o mundo que o rodeia, com especial ênfase na relação com o outro, pondo assim em evidência a sua importância para os aspectos comunicacionais da sua escrita.

(p. 81)

Segundo Albuquerque, o principal objeto de amor de Bernardo Soares será a literatura, ou melhor, o corpo visual e sonoro das palavras em movimento musical e de pensamento, com a sua voluptuosidade viva e singular, tantas vezes monumental. Todavia, apresentando um raciocínio rigorosamente consequente com o aforismo inicial de Kafka, o autor vê através de Bernardo Soares a literatura como “uma forma de amor puro que possui uma força desconstrutiva da ordem vigente no *corpus* social”, com um papel civilizacional (p. 91) – revolucionário.

Neste sentido, Albuquerque identifica três faculdades características do *Livro do Desassossego*: imaginar, criticar e seduzir (p. 96). Pelo culto plural destas faculdades (pelo emprego do determinante possessivo *nossas*), o pensamento de Soares perspectiva-se “como uma proposta de sociedade, diversa da vigente, não massificada e que dê espaço às relações pessoais, em que a interação do indivíduo com o seu semelhante não conceda em tomá-lo como matéria inerte” (p. 96). Neste ponto, retornamos à citação inicial de Kafka, que apresenta um conceito expandido do amor na consciência experimental de uma humanidade comum. “Ver o polícia como Deus o vê”¹. É, a dado passo, uma aspiração expressa por Bernardo Soares, quando medita na incógnita que é a alma de cada ser humano que passa. É aliás curioso que Albuquerque não se detenha neste fragmento. Porque, como bem observa o autor, os corpos vivos nada têm de definitivo e nunca são totalmente compreendidos (nem no seu tempo, nem noutros tempos, acrescentaríamos nós), e dessa lucidez dolorosa emerge uma visão do amor que se poderá classificar como revolucionária.

¹ Ver: https://ldod.uc.pt/fragments/fragment/Fr087/inter/Fr087_WIT_ED_CRIT_P

O *Livro do Desassossego* é um destes corpos vivos incessantemente moventes, amplamente capaz de confluir, arrastando consigo as palavras-pedras errantes de uma vida, com as almas sensíveis que correm, confusa e irregularmente, no sentido de um destino sem sentido, impregnando-as do sedutor e aterrorizante marulho eterno que vem da desembocadura aberta para o incognoscível mundo dos mortos.

(p. 125)

A leitura que João Albuquerque faz do *Livro do Desassossego* e de Pessoa, pelo prisma de um conceito expandido, problemático e não linear do amor e também de uma sexualidade artisticamente criativa é uma leitura refrescante e audaciosa, em particular na forma como retoma a velha articulação (podemos dizer, universalmente captada) entre a força amorosa e sexual do desejo imanente (ao mesmo tempo físico e abstrato) e o élan que cria o movimento iniciático de uma produção artística singular.

ADRIANA CRESPO (Lisboa, 1974), concluiu um Doutoramento em Filosofia em 2013, sob a orientação de José Gil, com uma tese sobre a relação entre arte e corpo, intitulada *A Necessidade da Arte*. Fez Estudos Portugueses (LLM) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e frequentou nessa faculdade o Programa em Teoria da Literatura. Dá aulas de piano desde 1998. Participou na linha de investigação Literatura e Música, do grupo THELEME, no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa, entre 2017 e 2019. É autora do blogue-matrioska *Zipling Zeppelin*. Tem publicado livros de poesia, micronarrativa, ficção, prosa poética e outros.

ADRIANA CRESPO (Lisbon, 1974) completed a PhD in Philosophy in 2013, under the supervision of José Gil, with a dissertation on the relationship between art and the body, titled *The Necessity of Art*. She earned a degree in Portuguese Studies (LLM) from the Faculty of Arts of the University of Lisbon and attended the Literary Theory Program at the same institution. She has been teaching piano since 1998. From 2017 to 2019, she participated in the *Literature and Music* research line of the THELEME group at the Centre for Comparative Studies of the University of Lisbon. She is the author of the matryoshka-style blog *Zipling Zeppelin* and has published books of poetry, micro-narratives, fiction, poetic prose, and other genres.